



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/exu-como-autoria-teoria-e-metodo/>

“Ele ganhou um galo, mas não quis comer sozinho”: Exu como autoria, teoria e método

Luiz Rufino[1]

Queria falar da minha alegria de estar aqui e agradecer à Leda [Maria Martins] pela generosidade. Queria destacar o quão bom foi ouvir Benjamim [Abras], encontrar novamente o Rafael [Araldi], e falar de como essas alegrias se cruzam ao meu nervosismo, por estar aqui com a professora Leda Maria Martins. Eu queria tornar isso público porque, de fato, eu estou nervoso diante da grandeza de Dona Leda e como ela vibra beleza para esse planeta. Queria compartilhar algo aqui muito inspirado pelo que Benjamin trouxe e falar para vocês, e falar para Dona Leda, que um dos textos mais bonitos que eu li esse ano foi quando eu estava com minha companheira e nossos dois filhos no ensaio técnico das escolas de samba do Rio, na arquibancada da Marquês de Sapucaí. Fomos levar as crianças para verem o ensaio, lá de cima, avistei Dona Leda, desfilando, ensaiando na matriarca do samba Mangueira. Eu fiquei num estado de transe, de profunda alegria, gritando: “É Dona Leda! Dona Leda!”. As pessoas em volta não entenderam muito bem o que aconteceu, mas eu precisava falar que foi um momento mágico.

Eu acho que é importante isso que Benjamim traz: é necessário acionar o corpo, como esse primeiro lugar de reivindicação de invenção do mundo. E aí, dito isso, eu queria pedir licença, com muito respeito, com muita delicadeza, pisando muito manso mesmo, para falar algumas coisas aqui sobre o tema que foi proposto nessa mesa: “Exu: arte, epistemologia, método e a lembrança de si mesmo”. Queria falar que eu não sistematizei nada e estou vindo aqui num modo quase “partido alto”, atado a uma inteligibilidade do improviso para emendar uma conversa com vocês. Já tenho um tempo investido nisso, de deixar o jogo de corpo acontecer e fiquei pensando nessas coisas que Benjamim estava falando. Pensei no que eu tenho conversado com as crianças aqui em casa. Eu sou pai de três meninos, dois são muito pequenos e um já é adulto. Eu tenho pensado sobre como conversamos sobre algumas coisas e, vira e mexe, Exu aparece nessa conversa.



Tem duas histórias que são contadas pelos antigos que eu pendurei na orelha, fui ouvindo da boca dos mais velhos, principalmente das tradições negro-africanas no Brasil, que estão reinscritas no que a gente comprehende como candomblé, mas também presente nas tradições afro-caribenhias, principalmente as do Ifá e do Lucumi em Cuba. Duas histórias, dessa gama de narrativas orais, que eu acho fantásticas e merecem serem postas aqui. Isso porque Benjamim, de uma certa forma, me puxou para o caminho dos 256 odus de Ifá, especialmente o odu Oyekun Meye, que é o odu, que entre muitas das coisas que narra, diz sobre a matéria escura, a escuridão. Esse Odu conta como Exu protagoniza aquilo que não seria um nascimento, porque ele não nasceu. Daí, viria a implicação do verso muito popular nos terreiros brasileiros que diz que “Exu nasceu antes do que a própria mãe”.

Essa história conta que Olodumare tinha uma espécie de desejo de criar alguma coisa. Eu ouvi da boca de um mais velho, um cubano, falando assim: “Olodumare tinha uma ânsia de criar algo”, e eu acho bonito isso, porque me lembra o mestre Pastinha quando define a capoeira angola. “A capoeira é a mandinga de escravo em ânsia de libertação. Seu princípio não tem método. Seu fim é inconcebível ao mais sábio”. E esse mais velho falava que Olodumare ansiava fazer algo e Exu estava adormecido na matéria escura. E quando euuento isso para as crianças, elas acham que a matéria escura é uma espécie de edredom que cobria Exu, ele estava enrolado numa espécie de lençol, dormindo profundamente.

Esse desejo de Olodumare de fazer algo foi o suficiente para que dali surgisse uma espécie de tensão e acordasse Exu. O orixá, uma vez acordado, vai interpelar Olodumare e pergunta: “Olha, eu estava dormindo. Você me acordou. Por que você me acordou?”. E Olodumare, com toda honestidade, fala: “Eu não queria ter te acordado, eu não sei porque eu te acordei”. Então Exu diz: “Não, não quero saber porque você me acordou. Não quero saber se foi intencional ou não. Quero saber, por que você me acordou?”. E Olodumare fala: “Eu estou querendo criar umas coisas, desculpa ter te acordado, mas já que eu vou criar, estou pensando em criar umas coisas como o universo, o cosmos. Os acontecimentos, os planetas..., você não quer vir criar comigo?”. E Exu responde a Olodumare da seguinte maneira: “É muito pouco para ter me acordado”. E Olodumare fica sem reação, acha meio “cara de pau” de Exu falar que é pouco. Então ele fala: “Vamos fazer o seguinte, você cria comigo esse troço todo e depois destrói. Pega, arrebenta tudo, acaba com



tudo”. E Exu fala: “Não, ainda é pouco, continua sendo pouco”. E Olodumare diz: “Então vamos fazer o seguinte, você constrói tudo comigo, destrói, e constrói de novo quantas vezes quiser.” Exu fala: “Aí eu gostei, agora está bacana” e assenta a consciência de Olodumare, que é a própria sabedoria de Ifá, em confluência com essa motricidade das existências que é Exu. Esse acontecimento fundamentaria uma ideia daquilo que em inúmeros caminhos (histórias) e interpretações, ações da própria diáspora africana, vai emergir como um princípio dinâmico de toda ou qualquer existência. Ou seja, falar de Exu seria falar daquilo que perpassa toda e qualquer possibilidade de existir, de criar e até mesmo daquilo que sequer foi criado.

Tem um outro caminho que Benjamim também pincelou, que está presente em um odu muito famoso, a literatura brasileira tratou muito ele, que é o do odu Oshetura que conta o nascimento de Elegbara. No nascimento de Elegbara existe um detalhe que eu acho importante trazer para essa roda, que é o seguinte: Orunmilá-Ifá, o senhor da sabedoria e do conhecimento, queria ter um filho, queria ter um bebê, e foi a casa de Olodumare pedir essa criança. No caminho ele encontra Exu, na porta da casa de Olodumare, e fica profundamente encantado com a beleza do garoto, com a simpatia do menino, com a sagacidade dele, e entra dentro da casa do Olodumare e fala: “Olodumare, eu vim aqui porque desejo ter um filho”. E Olodumare diz: “Orunmilá, ainda não é tempo de você ter essa criança, volte para sua casa que você um dia terá esse menino”. E Orunmilá insiste: “Não, você não está entendendo. Eu quero ele agora, quero ele para ontem. Inclusive, eu adorei aquele que estava lá na porta, eu queria um filho daquele jeito”. O Olodumare adverte: “Orunmilá, aquele não vai ser bacana para ti não... Mas já que é você, que é o senhor da sabedoria, está valendo. Vai lá e você dá seu jeito com ele”.

Olodumare imanta o axé da criação e Orunmilá, quando volta para sua casa, encontra sua esposa parindo uma criança, que nasce quase numa cena meio macunaímica ou próxima ao personagem Kiriku - aquele desenho de um menino, falante, alegre, brincante. Orunmilá, ao ver a criança, lembra daquele menino do portão da casa de Olodumare e fala: “O seu nome será Elegbara, aquele que é dotado do poder da realização, da força, que reside no axé do corpo”. Esse moleque nasce com uma fome absoluta e então ele mama na mãe, ele come toda a roça de Orunmilá, ele come toda a criação e os bichos de Orunmilá. A vizinhança dá tudo que tinha para comer, ele come, come, come e chega num determinado momento que ele, super carismático, olha para mãe



e fala: “Mãe, eu estou morrendo de fome. Eu quero comer a senhora”. E, obviamente, a mãe se permite ser devorada pelo menino.

Orunmilá vendo aquilo, sabe que vai ser o próximo da fila e resolve sair correndo e vai até a casa do babalaô consultar o oráculo de Ifá. E o oráculo de Ifá aconselha Orunmilá a fazer um ebó e nesse ebó tinha um facão: “Para o ebó você vai fazer isso, vai dar tal fim no caminho e isso daqui vai ficar com você, que você vai saber usar”. Quando Orunmilá volta para casa, Elegbara está com a barriga gigante e ele fala: “Pai, eu estou morrendo de fome, o senhor deixaria eu lhe comer?”. E Orunmilá saca o facão e começa a perseguir Elegbara, é uma perseguição famosa, onde cada pedaço que vai sendo picotado de Elegbara se torna um outro “Elegbarazinho”, que vai correndo, vai se expandindo, vai ganhando diferentes tempos-espacos, numa espécie de jogo de corpo, capoeiragem, caçando nos vazios. Orunmilá entra numa perseguição absurda e perde o controle da expansão de Elegbara, ao ponto que Elegbara fala assim: “Pai, vamos parar com isso, vamos negociar. Não adianta o senhor ficar me persegundo”. Essa dimensão dos picotes de Elegbara, que se tornam os outros corpos de Exu, remonta a dimensão de Exu enquanto Yangí, a pedra de laterita, o Exu ancestral.

Elegbara fala o seguinte para o pai: “Pai, vamos fazer o seguinte, vamos parar com essa perseguição, eu sou seu filho. Como o senhor fez o ebó - Exu regula a ordem também, é o princípio do caos que sustenta a própria ordem - eu vou ser bom com você. Eu fiscalizo todo mundo que faz ebó”. E o Orunmilá fala: “É muito pouco, você comeu tudo!”. E Elegbara diz: “Então, pai, vamos fazer o seguinte, eu não só fiscalizo, como eu vou devolver tudo aquilo que eu comi”. E Exu vomita todas as coisas que comeu, performando sua face, enquanto Enugbarijó, a boca que tudo come, a boca dos orixás, a boca do mundo. E, nesse processo, ele devolve o mundo de forma imantada com o próprio axé de Elegbara.

Eu acho que essas duas narrativas podem ser lidas por diversos pontos, por diversos aspectos, e elas trazem duas coisas que, a meu ver, são muito pertinentes para esta conversa aqui, que eu vou tentar arrastar para um lugar, que é um lugar com o qual eu tenho atuado, que é a educação. A primeira é que, ao meu ver e, obviamente, estou falando aqui influenciado diretamente por essas oralituras de terreiro, parafraseando a professora Leda Maria Martins. Elas se dão numa reivindicação disso que Benjamin pontuou na fala dele: Exu é uma filosofia do ato. Exu está



profundamente implicado à ação, por ele ser ato em excelência. Ele fundamenta aquilo que Benjamin trouxe muito bem, nas dimensões da relação, uma ética responsiva. Esses aspectos também estão presentes nas elaborações da filosofia da linguagem de Bakhtin.

Penso junto com vocês um painel de investigação do problema Exu, tendo como partida a própria produção das comunidades de terreiro transatlânticas, e em diálogo com a produção teórica da obra da professora Leda Maria Martins, professor Muniz Sodré, professor José Carlos dos Anjos e de inúmeras pessoas que contribuem para firmar esse terreiro, para esse chão pisado que fundamenta uma filosofia do conhecimento a partir da interlocução com esse princípio explicativo do mundo, princípio cosmológico, que é Exu. Esse riscado dá uma rasteira, com as duas pernas juntas, naquilo que o projeto do Ocidente-europeu sempre buscou, enquanto princípio profundamente violento, fincado no terror colonial, que é se eleger como a última resposta das coisas, em uma perspectiva totalitária dominante.

Exu, sendo o princípio de uma ética responsiva, sendo princípio da relação, sendo princípio da ambivalência, da contradição, desses movimentos inacabados e inconclusos, pauta uma dinâmica que fala mais ou menos o seguinte: “Como eu respondo ao outro com a minha própria vida?”¹. Eu ouvi muito do povo do terreiro, e certamente vocês já ouviram essa expressão também: “Olha, cuidado com o que se pede na encruzilhada. Não vai na encruzilhada pedir qualquer coisa. Na encruzilhada não se pede nada”. Ou até mesmo o ponto cantado de Seu Tranca Rua das Almas que diz: “Só pedir que ele dá”, também referenciado as Pombagiras: “Laroyê, laroyê, laroyê! Mojubá, mojubá, mojubá... Ela é Odara, quem tem fé nessa Legbara é só pedir que ela dá”².

“Pedir que dá” não pode ser um ato, parafraseando nosso grande xamã Ailton Krenak, que fundamenta a vida no sentido utilitário, mas que organiza a vida como um princípio dialógico, ecológico, inconcluso, próprio de uma ética responsiva. Então, eu não posso pedir porque ao me lançar na encruzilhada eu respondo ao outro com minha própria vida. Eu sou profundamente alterado pelo outro. Esse aspecto marca a dinâmica que Benjamin trouxe para nós como um dos fundamentos desse mistério e beleza do universo, que são os sete lados, sendo o sétimo lado para dentro de cada um de nós. Eu acho que esse é o ponto que vincula Exu radicalmente à educação, porque a gente tem uma tendência a achar... A gente não, acredito que muita gente aqui não,

¹ Essa frase está presente na obra *Pedagogia das Encruzilhadas*.

² Ponto cantado de Pombagiras nas macumbas e umbandas brasileiras.



mas, de forma geral, há muita gente que lê a educação como sinônimo de escola. Há muita gente que entende a educação como sinônimo de ensino e aprendizagem. E, perambulando pelos terreiros, eu aprendi um pouco que nesses espaços “nem tudo se ensina, mas tudo pode se aprender”. Não é uma relação meramente escolarizada, escolástica, nem também uma relação somente de ensino é, antes de tudo, uma relação estética, ética, política, poética.

Eu estudei durante muito tempo uma agenda teórica que debate a educação como problema humano. Eu acho que é um problema “mais que humano”, ela não está reduzida ao humano, porque falamos de comunidades que estabelecem relação de alteração com as mais diferentes inscrições de vida, que montam as mais diferentes corporeidades. Elas estabelecem, de fato, uma “poética da relação”, como diz o Édouard Glissant, ou como nos ensina a professora Leda Maria Martins, uma “performance do tempo espiralar”. Assim, se eu dou o galo para Exu eu também sou um pouco do galo. Se de uma certa forma eu me responsabilizo pelo outro, eu lanço minha palavra ao outro, essa palavra também cede um lugar de acomodação do outro em mim. Para pensar educação a gente tem que trazer Exu para a jogada. Exu na educação esculhamba profundamente o projeto colonial, como um projeto escolástico, que está fundamentado na catequese. Aquilo que o meu querido mestre nos ensinou muito bem, Antônio Bispo dos Santos, como um projeto cosmófóbico. A colonização como um projeto de longa duração, uma guerra de longa duração, um projeto inacabado, que fundamenta uma cosmófobia que é a recusa da vida e o medo da vida, como diria Nego Bispo.

Exu é, talvez, o princípio que... E eu queria parafrasear novamente a professora Leda - e se eu estiver equivocado nas minhas leituras, professora, por favor me corrija - e queria parafrasear, também, o professor José Carlos dos Anjos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em dois aspectos. Professora Leda nos chama a atenção que a encruzilhada seria esse núcleo de catalisação da experiência negro-africana na diáspora. Daí, as culturas afro-brasileiras serem culturas de encruzilhadas, como ela coloca no livro *Afrografias da memória*. O professor José Carlos dos Anjos nos chama a atenção, a partir do território da linha cruzada, que a encruzilhada seria um não lugar, a própria dimensão desterritorializada, que faz com que essa cosmopolítica afro-brasileira salte, na emergência de inventar exatamente na condição daquilo que não pode ser controlado. E isso, para um projeto que quer ser único, para um projeto fundamentado na produção do trauma, do



recalque, da neurose, como diria a grande Lélia Gonzalez - é isso que fundamenta essa plataforma moderna, Ocidental, eurocentrista, racista e colonial no Brasil -, esse modelo, de certa forma, não vai saber lidar com o outro. Essa forma de lidar é a profunda interdição desse outro como não existência. Isso que Frantz Fanon, e nas inúmeras leituras a partir de sua obra, muita gente tem chamado de uma produção de outridade, uma zona do não ser, um desvio permanente.

Para fechar a conta e podermos conversar, porque eu, honestamente, vim para cá com muita vontade só de ouvir, eu queria compartilhar algo que eu tenho me atado: Exu, nas suas mais diferentes formas de práticas do saber. Assim, tenho partido da compreensão que Exu é um saber praticado no cotidiano. Neste momento, que estamos aqui conversando, muito possivelmente, em algum canto deste Brasil, alguém vai dar um galo para Exu, e esse dar o galo para Exu, esse obé (faca) acariciando o pescoço do galo, o ejé (sangue) imantando a quentura no aço, para lambuzar a pedra. Essa é a própria teoria e método de Exu. Ele nos permite, com muita generosidade, dar um gole da cachaça dele e camboná-lo, para deslocar essa conversa porque o fundamento teórico está imantado nas práticas cotidianas como práticas do saber nesses grandes emaranhados, inventários e invenções que são as performances afro-brasileiras.

Eu fico pensando o seguinte, se tem esquina comendo - eu que sou filho de mãe e pai cearense, de família de vaqueiros, de família de gente da roça, mas nascido e criado no subúrbio do Rio de Janeiro, especialmente no bairro de Madureira, onde é muito comum, assim como em vários outros lugares dessa cidade, você atravessar uma esquina e ali encontrar o chão, a esquina comendo, o caminho comendo -, se as esquinas estão comendo, não podemos marcar que aqui o projeto colonial se tornou vencedor, e eu não estou fazendo uma leitura romântica. Não estou falando que não existe uma correlação de forças extremamente desigual, um terror fundamentado no paradigma da raça e do racismo, que subordina, ao longo de mais de cinco séculos, grande parte da população. O que me comove é pensar essas invenções táticas que dão conta, por exemplo, de hoje estarmos falando via “Arte, epistemologia e método” de uma lembrança de si mesmo. Mas é uma lembrança que vai ser futuridade porque ela chama para um mergulho profundo na matéria escura, como Benjamin falou e como Dona Leda tem nos ensinado, a partir dos giros do tempo espiralar. Se o corpo, como diz o Fanon, é o primeiro lugar de ataque do projeto colonial, via tortura, estupro, humilhação, várias outras formas, esse corpo também é o



primeiro lugar de contra-ataque, via o canto de Dona Leda abrindo esta mesa, via a pernada, via a fumaça que Benjamim está soprando, via a esquina que está comendo, via o que for... Hoje temos nos prendido em uma ideia de que precisamos, como diria meu grande amigo Antônio Bispo dos Santos, dar uma nomeação para essas invenções que estão entrando para dentro da mata, entrando para dentro da linha da Kalunga, e aí vamos falar de descolonização, mas as esquinas estão comendo, a fumaça está sendo soprada, a mesa está sendo armada. Dito isso, eu queria falar da minha alegria, da minha gratidão de estar participando com vocês deste encontro e falar da minha honra, Dona Leda, de estar com a senhora aqui. Um beijo grande. Obrigado.

* Este texto resulta da transcrição da fala de Luiz Rufino na aula magna “Exu: arte, epistemologia e método, a lembrança de si mesmo”, organizada por Déa Trancoso e disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8m-pgKLO8aM>. A transcrição foi feita por Thayany Mendes Amazonense, bolsista BAS-Unicamp da ClimaCom, sob supervisão de Susana Dias.

[1] Pensador, pesquisador e escritor. É professor da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação (PPGECC-UERJ). E-mail: luizrfn@gmail.com